

# A REVELAÇÃO DE UM ÉPICO DA AMAZÔNIA

Olívia Barros de FREITAS\*

TORRES, M. **A epopeia amazônica de frei Pedro de Santo Eliseu: Viagem** (1746). São Paulo: EDUSP; Belém: EDUFPA, 2015. 459 p.

Num contexto de ausência de leitores e de interesse geral para poesia do século XVIII, a editora da Universidade de São Paulo e a editora da Universidade Federal do Pará trazem-nos um belo lançamento: *A epopeia amazônica de frei Pedro de Santo Eliseu: Viagem (1746)*. O volume apresenta uma transcrição do inédito poema “Viagem”, do carmelita Pedro de Santo Eliseu, além da reprodução integral do manuscrito e um estudo crítico objetivo, preciso e detalhado, de autoria daquele que desvelou o texto, o também poeta Milton Torres, autor de *No fim das terras* (2004). O descobrimento de um esquecido texto apógrafo – cópia de um escrito original, provavelmente contemporâneo à produção do poema – ocorreu durante uma pesquisa de Torres nos arquivos da Seção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal; não se tem notícia de qualquer outra reprodução ou manuscrito do poema.

Não há indícios certos sobre o ano de escrita do poema. A suspeita levantada pelo organizador é de que possivelmente tenha sido em 1746. Cronologicamente, “Viagem” insere-se entre o hoje ignorado poema *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira, e os épicos mais conhecidos *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, e *O Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão.

Com quase 600 oitavas em canto único, o poema tem como espaço de ação épica o antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará, hoje equivalente aos estados que compreendem a Amazônia brasileira. Narra a devolução, em virtude do Tratado de Utrecht, de prisioneiros espanhóis aos domínios americanos de Castela, homens que haviam sido detidos durante os enfrentamentos com os portugueses na disputa pelo rio Solimões.

Seu relevo temático tem foco na *pax iberica*, ou seja, o cumprimento do tratado por parte dos portugueses. Enaltecendo o reinado de D. João V, o poema

\* Doutoranda em Letras e bolsista CAPES. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre – RS – Brasil. 91501-970 – oliviabarrosg@gmail.com

mantém-se fidedigno à estética épica do período, mas, em seu detalhe, apresenta como diferencial índices interessantíssimos da Amazônia, tais como notas culturais, descrições do meio natural, da fauna e de indígenas, e ações relativamente realistas. Em compasso com a forma épica vigente no período, Santo Eliseu dá ares de mar ao nosso rio Amazonas, pois, como homem de seu tempo, estava imerso a toda uma tradição épica marítima lusitana, cujo poema fonte para emulação é o *Lusíadas* de Camões.

O estudo de Torres nos traz dados de que é provável que, quando jovem, Santo Eliseu tenha observado pessoalmente o empreendimento de retorno dos presos espanhóis, atuando como poeta-viajante, o que explicaria a representação inteirada das condições sociais e econômicas da região.

Tanto a descoberta e publicação de “Viagem” quanto o minucioso estudo feito por Torres podem se tornar de grande relevância no que diz respeito a registros de história da região, mas vão além: fornecem dados importantíssimos para estudos estéticos da literatura colonial, capazes de inspirar novos fôlegos a pesquisas universitárias e novos interesses ao público leitor, mesmo se tratando de um poema que não tenha dialogado com seus sucessores. A poesia épica não se configura como uma simples encarnação de práticas classicizantes com fundo do pitoresco, do fantasioso ou até mesmo do inverossímil. É nesse sentido que o livro tem força, pois o leitor, ao se deparar com um texto que apresenta tamanha diferença cultural e temporal em relação a nossos dias, é levado pelo estudo crítico à compreensão do que aquela poesia representava em sua contemporaneidade. Como nos lembra Torres, a colônia portuguesa na América não se poderia valer de grandes conquistas ou batalhas meritórias para sustentar o *epos* clássico, situação que coloca essa literatura, desde os primórdios de suas manifestações, em situação dialética: dar forma elevada a uma circunstância material violenta, arcaica e espoliada.

Recebido em 14/10/2015

Aceito para publicação em 20/12/2015

